



Plural - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 2176-8099

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo

Montaño Rico, Juan Daniel

A prática jornalística em uma rádio cidadã: um estudo de caso no México

Plural - Revista de Ciências Sociais, vol. 27, núm. 2, 2020, Julho-Dezembro, pp. 186-209

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2020.172226>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=649770006009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org



Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A prática jornalística em uma rádio cidadã: um estudo de caso no México

The journalistic practice in a citizen radio: a case study in Mexico

Juan Daniel Montaña Rico^a 

Resumo O objetivo deste artigo é analisar a prática jornalística de uma rádio cidadã e suas implicações sociais e políticas no contexto em que está inserida, com a intenção de conhecer as contribuições que essa prática pode oferecer à teoria do jornalismo. Toma-se como um estudo de caso a estação *Política & Rock'n'roll*, que foi ao ar na cidade de Hermosillo, Sonora, México, entre 2012 e 2014. Foram tomadas como referências teóricas a teoria do jornalismo como construção da realidade social e as contribuições conceituais sobre o jornalismo alternativo de Felipe Pena de Oliveira e Chris Atton. A metodologia consistiu em uma perspectiva qualitativa.

Palavras-chave jornalismo. organizações dissidentes de informação. rádio cidadã. informações para ação

Abstract *The objective of this paper is the journalistic practice of a citizen radio and its social and political implications in the context where it is inserted, with the intention of knowing what contributions it can offer to the theory of journalism. Política & Rock'n'Roll radio was taken as a case study, which was broadcast on 97.7 FM in Hermosillo, Sonora, Mexico, from 2012 to 2014. The theory of journalism as a construction of social reality and the Felipe Peña de Oliveira and Chris Atton's reflections about alternative journalism, were taken as theoretical reference. The methodology consisted of a qualitative perspective.*

Keywords *journalism. dissident information organizations. citizen radio. information for action*

a Licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Sonora. Mestre em Comunicação e Política pela Universidad Autónoma Metropolitana-Xochimilco. Doutorando no programa de pós-graduação em Ciências Políticas e Sociais da Universidade Nacional Autónoma do México. e-mail: dany.riico@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a prática jornalística de uma rádio cidadã¹ e suas implicações sociais e políticas no contexto em que está inserida. A estação chamada *Política & Rock 'n' Roll* (P&RR), localizada na cidade de Hermosillo, capital do estado de Sonora, no noroeste do México, foi tomada como um estudo de caso. A pesquisa delimitou-se ao período 2012-2014, anos em que foi transmitido em 97,7 FM - atualmente, essa rádio transmite em 106.7 FM. A visão construtivista do jornalismo de Héctor Borrat, Gaye Tuchman e Blair McNair e contribuições sobre jornalismo alternativo de Chris Atton e jornalismo de resistência de Felipe Pena de Oliveira foram tomadas como referências teóricas. A metodologia desta pesquisa foi baseada em uma perspectiva qualitativa tendo em vista aprofundar a ação e a experiência dos sujeitos. A questão que norteou esta pesquisa foi: qual a especificidade da prática jornalística de uma rádio comunitária que a diferencia das mídias comerciais, e quais as implicações sociais e políticas desse jornalismo? Para responder a essa questão, é necessário investigar como essa prática é realizada, o perfil de quem a realiza, bem como as diferenças e intersecções com o jornalismo das mídias comerciais.

JORNALISMO COMO ALIADO DAS INSTITUIÇÕES

O jornalismo é uma maneira de conhecer, porque ao transmitir ao público as suposições, atitudes, crenças e valores de seus produtores expressa uma concepção de mundo que tem a potencialidade de ativar o processo de cognição do receptor, que passa a refletir e discutir sobre aquilo que lhe é transmitido. Gaye Tuchman (1983, p. 13) identifica as notícias como um quadro de referência através do qual o público socializa o conhecimento sobre a ordem social estabelecida à qual está sujeito: “eles aprendem sobre si mesmos e sobre os outros, sobre suas instituições, líderes e estilos de vida e de outras nações e seu povo”. As notícias não se limitam à divulgação de fatos; como afirma Blair McNair (1998, p. 6), elas espalham ideias que compõem a estrutura que dá sentido aos eventos que ocorrem no mundo fora de nossa experiência sensorial imediata, oferecendo significado e contexto temporal, geográfico e social. O jornalismo narra a realidade e ajuda a constituí-la “como um fenômeno social compartilhado, pois, no processo de descrição de um evento,

1 Entendemos como meios alternativos as organizações de informação criadas por grupos sociais sem fins lucrativos e dissidentes para promover discursos e participação política a partir de abordagens identificadas com a esquerda em sua ampla concepção. Não é um modelo, mas um termo que engloba diferentes mídias e práticas organizacionais que se denominam com diferentes designações: comunitária, cidadã, livres, outras mídias, radicais etc.

as notícias definem e moldam esse evento” (TUCHMAN, 1983, p. 197-198). Ou seja, a notícia participa, juntamente com outras instâncias, na definição e redefinição, constituição e reconstituição de significados e práticas sociais, pois serve como um contexto no qual os eventos são discutidos. Por esse motivo, Tuchman (1983, p. 96) afirma que a verificação dos fatos na produção noticiosa não é apenas uma condição profissional, mas também uma realização política, uma vez que a seleção (inclusão, exclusão e hierarquia) de fontes responde à concepção do mundo do jornalista e da mídia.

O quadro de referência fornecido pelas narrativas jornalísticas é constituído e reconstituído pelas organizações de notícias com a influência de certas circunstâncias ou fatores que interferem na produção, regulamentação, comercialização e consumo de notícias. McNair (1998, p. 13) divide esses fatores em cinco categorias, sem ordem de importância e não necessariamente delimitadas: *a)* Cultura profissional e restrições organizacionais, *b)* Determinantes políticos, *c)* Pressões econômicas, *d)* Possibilidades tecnológicas, e *e)* Influência da fonte. Com as pressões exercidas nessas esferas, as organizações da informação estabelecem rotinas jornalísticas particulares - e mutáveis - e valores de notícias através dos quais os informantes localizam, selecionam, constroem, hierarquizam e difundem os eventos jornalísticos.

As rotinas e valores também são condicionados, como aponta Héctor Borrat (1989, p. 9), pelos dois objetivos permanentes que definem e orientam as ações das organizações noticiosas: lucro e influência; pelo menos esses dois objetivos definem a grande maioria dos meios de comunicação, uma vez que o modelo de negócio do jornalismo é hegemônico na produção e na circulação das notícias. Visto como indústria e como mercadoria, o jornalismo está exposto à competição de mercado e estratégias de marketing em busca de audiência e lucros que influenciam a organização da mídia, a relação entre proprietários e jornalistas, o estilo e a seleção de tópicos. Para alcançar a maior penetração e disseminação em benefício das vendas, Mauro Cerbino (2005, p. 15) e Ignacio Ramonet (2005, p. 196) observam que a grande indústria jornalística – ou seja, os meios de comunicação com interesses e alianças com grandes empresas de infocomunicação transnacionais, regionais e nacionais (cfr. MASTRINI y BECERRA, 2006; REIG, 2011) – produz informações, em particular as notícias, conforme valores de velocidade, simplificação, fragmentação e drama. Essas informações são produzidas diante de demandas de curto prazo, com pressa e com um frenesi inevitável. É um discurso rápido, imediato e instantâneo. Há, contudo, veículos de comunicação que apostam em outras fórmulas, como o jornalismo investigativo e reflexivo.

No entanto, o jornalismo, predominantemente, tende a privilegiar fontes oficiais e figuras reconhecidas (políticos, acadêmicos, especialistas profissionais, celebridades, entre outras), uma vez que suas ações são de interesse público (BORRAT, 1989, p. 125; McNAIR, 1998, p. 6). Esses atores são legitimados como fontes credenciadas que concedem autoridade às notícias e, portanto, arvoram-se em definidores de eventos jornalísticos. Assim, os critérios de exclusão, inclusão e hierarquização desse jornalismo, geralmente excluem amplos atores sociais: “seja por decisão estratégica de seus líderes, seja pela aplicação de práticas rotineiras em que todos coincidem; neste último caso, as práticas compartilhadas tendem a gerar as mesmas exclusões em todas as mídias” (BORRAT, 1989, p. 27).

Ao colocar as instituições políticas como figuras privilegiadas em seu discurso - porque suas ações nos preocupam e afetam os cidadãos em geral -, o jornalismo é um aliado do sistema político e trabalha para sua manutenção. Isso não ocorre apenas porque “os mais poderosos entre os meios de comunicação são grandes empresas, conglomerados e monopólios, eles também têm interesse em manter o status quo, incluindo a legitimação do estado” (TUCHMAN, 1983, p. 177) - poucas das empresas de informação mais influentes podem se orgulhar da independência econômica em relação a enormes conglomerados transnacionais e grupos de comunicação dominantes nos níveis regional e nacional -; mas também porque as mídias de notícias independentes do grande capital também privilegiam o sistema político responsável pela continuidade e manutenção da ordem institucional (BECHELLONI, 1978, citado em RODRIGO-ALSINA, 1989, p. 97). Nesse sentido, Grossi (1981 apud RODRIGO, 1993, p. 91) concorda que o poder político é um sujeito privilegiado do discurso jornalístico “com capacidade de influenciar a informação por meio da produção de acontecimentos artificiais dotados de sentido e por meio de uma nova definição de realidade”. Além disso, o autor acrescenta que diante de um acontecimento excepcional (um desastre natural ou uma determinada situação política, por exemplo), a necessidade de recontextualização dos jornalistas os leva a privilegiar as interpretações do sistema político e isso “os leva a misturar a relevância pública do evento com a avaliação estabelecida pelo sistema político”, assim, nos dias seguintes, o sistema político, “vai recuperar gradualmente a sua capacidade de controlar a situação”.

No entanto, essas observações não sugerem que as organizações de notícias com fins lucrativos sejam homogêneas e, como um todo, apoiem ou promovam um partido ou ator político específico. Ao contrário, cada meio de comunicação tem seus próprios interesses e linhas editoriais, e a partir deles se colocam em relações conflituosas com outros atores, sejam eles midiáticos, políticos, econômicos

ou outros. Além disso, as várias posições políticas e ideológicas das empresas de notícias estão frequentemente em conflito com as demandas do mercado. A necessidade de aumentar a circulação e os lucros move o conteúdo dos jornais e do telejornalismo para formas de cobertura mais expositivas e reveladoras sobre questões relacionadas ao poder político - contanto que não afete seus próprios interesses - muitas vezes ao ponto em que pode de fato ser descrito como “subversivo”, mas não necessariamente “anti-sistêmico” (McNair, 1998, p. 123-124). Característica que alerta “contra alegações excessivamente simplistas de preconceito da mídia” (McNAIR, 1998, p. 123). Mas também porque o jornalismo adotou como sua responsabilidade social e profissional a defesa da democracia. O jornalismo liberal tem sido testemunha e protagonista das conquistas do progresso social, dos avanços éticos e do desenvolvimento democrático típico dos tempos modernos e, desse modo, tornou-se um símbolo de defesa das liberdades e direitos dos cidadãos e indivíduos ao monitorar o funcionamento das instituições, governos e o Estado de Direito.

O que se destaca é que o jornalismo tende a funcionar como uma ferramenta da democracia liberal, portanto, do Estado liberal e dos valores do mercado livre. Por isso, Tuchman (1983, p. 224) afirma que a notícia “se apoia em estruturas institucionais e, ao mesmo tempo, as reproduz”. Assim, o poder da mídia cultural - incluindo em grande parte o jornalismo industrial -, como descreve Atilio Borón (2008, p. 172-177), participa do processo de legitimação social da redução da democracia aos aspectos processuais da constituição da autoridade política e da máquina governamental, enquanto proclama o sistema econômico capitalista como o único suporte estrutural congruente com as necessidades particulares de um estado democrático. A democracia liberal e o capitalismo são naturalizados como as únicas formas verdadeiras de ordem social, apesar de suas limitações e contradições; portanto, impõe a proibição de todas as críticas radicais a eles e às suas instituições, e limita a luta política às estruturas jurídicas. Embora as críticas democráticas às instituições sejam feitas a partir do jornalismo, a corrupção política seja denunciada e o governo e as instituições sejam pressionados, a naturalização da democracia liberal implica a aceitação da ordem instituída porque a ação política, realizada dentro das normas que o ordenamento jurídico impõe, não afirma a destruição e o estabelecimento de outra estrutura social. Iñaki Gil de San Vicente (2012) denomina esse senso comum hegemônico de “fetichismo parlamentar”.

Isso não exclui a possibilidade de que o jornalismo seja uma ferramenta para a transformação radical da sociedade ou que seu discurso venha das vozes margi-

nalizadas no sistema de mídia pelo poder da mídia hegemônica. Héctor Borrat (2006, p. 303) afirma que a mídia é sempre formada por:

“atores políticos, contadores de histórias e participantes de uma ampla variedade de conflitos que, em grande parte, são conflitos de poder [...] fazem política de várias maneiras através de sua influência na distribuição de poder. Eles influenciam as instituições políticas que governam [...] e os cidadãos que as apoiam ou pressionam e impõem exigências a elas”.

Portanto, o jornalismo também pode ser entendido como:

uma arena para lutar entre formas competitivas de fazer sentido; uma expressão e um reflexo do “equilíbrio de forças” existente em uma determinada sociedade, um equilíbrio que muda ao longo do tempo, devido, pelo menos em parte, à apresentação que o jornalismo pode dar a idéias alternativas ou mesmo opostas às idéias dominantes (McNAIR, 1998, p. 7).

JORNALISMO EM RÁDIOS COMUNITÁRIAS COMO ORGANIZAÇÕES DE INFORMAÇÃO DISSIDENTE

A prática jornalística pode ser entendida como expressão da luta cultural, tanto pelo apoio ao *status quo* quanto por sua transformação: “ao dar sua própria forma de ordem e coerência a uma realidade possível, a narrativa oferece modelos para sua transformação ou redescritção, e medeia entre a lei do que é e o desejo humano do que pode ser” (BORRAT, 2006, p. 315). No espectro da mídia existem as manifestações e dinâmicas jornalísticas realizadas por grupos populares e dissidentes para falar a partir de seus pontos de vista, divulgar suas reivindicações e demandas, bem como seus projetos políticos de sociedade. As experiências desse tipo de jornalismo não são novas nem competem apenas na esfera digital. Em vez disso, elas foram ligadas à comunicação nomeada de maneira diferente: comunitária, alternativa, popular, cidadã, horizontal, radical, livre, democrática, entre outros. Essas experiências de comunicação remontam à América Latina desde os anos 1940 e o rádio tem sido entre todos os meios de comunicação, como Alfonso Gumucio (2001, p. 21) observa, o mais importante para a prática dessa comunicação. A jornada histórica e conceitual dessas experiências de comunicação e suas inovações na prática informacional demonstram a importância de reservar um espaço para elas dentro da teoria do jornalismo.

As heterogêneas organizações de informação citadas anteriormente caracterizam-se por realizar seu trabalho sob uma abordagem participativa, muitas vezes não profissional e sem fins lucrativos, com o objetivo, conforme observado por Chris Atton y James Hamilton (2008, p. 1), de fornecer notícias, informações, comentários, análises e interpretações para comunidades específicas e identificadas, com as quais estão relacionadas, definidos em termos geográficos ou socioculturais, a fim de provocar ações e mobilização social. Portanto, podem ser entendidas como atividades políticas. No entanto, Felipe Pena (2009, p. 197-199) destaca que não se trata de uma prática revolucionária ou militante (embora esse seja o horizonte de transformação social do grupo gestor), ainda que sejam questionadas as próprias suposições para incluir determinadas fontes e pontos de vista em detrimento de outros. Esse jornalismo faz uma reflexão crítica dos pontos de vista para a compreensão das desigualdades sociais. Torna visíveis discursos, posições, visões de mundo e demandas geralmente ignoradas pela mídia comercial e pelo poder político.

Esse jornalismo incentiva a participação da comunidade no processo de produção da informação, para que ela possa produzir suas próprias informações e notícias, aparecendo como protagonistas ou criando notícias relevantes para sua situação (ATTON, 2001, p. 111-117). Portanto, como Atton e Hamilton (2008, p. 2) observam, o perfil das pessoas que atuam como jornalistas nessas mídias é, geralmente, de não profissionais - embora não necessariamente -, mas sujeitos comprometidos com a comunidade. Eles geralmente são membros de certos setores populares que operam fora das instituições e redes estatais dos grupos sociais dominantes. Eles podem pertencer a grupos, coletivos ou movimentos sociais, dissidentes e manifestantes, organizações políticas ou ainda indivíduos com uma visão crítica da sociedade que escrevem e narram a partir desse ponto de vista “para apresentar notícias relevantes aos interesses dessas comunidades, de uma maneira que seja significativa para eles e com sua colaboração e apoio” (ATTON, 2001, p. 112). Nesse sentido, as organizações populares de informação tendem a destacar o ativismo sobre a capacidade de escrever notícias como critério de participação na mídia, uma vez que “eles estão principalmente interessados no que esses escritores têm a dizer da sua perspectiva de ativistas” (ATTON, 2001, p. 111).

O jornalismo desses grupos consiste em “resistir à concepção de mercado do jornalismo” (PENA, 2009: 179). Em outras palavras, é uma resposta aos efeitos indesejados da visão da notícia como mercadoria: simplicidade, brevidade, fragmentação, dramatização, superficialidade, rapidez e luta pelo furo: “Componentes que estão longe de promover a democratização do meio” (PENA, 2009: 94). Atton

(2009, p. 268) afirma que esses meios de comunicação e jornalismo constroem uma realidade que parece opor-se às convenções e representações dos principais meios de comunicação. Sua própria existência desafia a concentração de poder - econômica, política e cultural - da mídia institucional e profissional, e desafia o monopólio da mídia na produção de formas simbólicas.

A partir dessas considerações, o jornalismo que se faz a partir de rádios comunitárias aponta para a transformação radical das estruturas sociais e das formas de exercício da política? Ou buscam o reconhecimento e a participação dos setores sociais populares no quadro institucional? O jornalismo nas rádios comunitárias realmente se distingue em seus temas, formatos, gêneros, objetivos e organização do jornalismo das empresas de notícias com fins lucrativos? Como ator político, como o jornalismo de uma rádio comunitária afeta a sociedade?

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada sob uma perspectiva qualitativa. Foi utilizado um estudo de caso: a rádio *Política & Rock'n'Roll Radio* (P&RR), transmitida pelo sinal 97,7 FM do centro da cidade de Hermosillo, Sonora, noroeste do México, de 2012 a 2014. Atualmente, esta rádio transmite em 106.7 FM, no entanto, o estudo foi limitado ao primeiro período. As técnicas de pesquisa mobilizadas foram a observação participante, a entrevista em profundidade e a pesquisa documental. A observação participante foi realizada entre 2012 e 2014, período em que o autor participou da rádio como produtor, apresentador e repórter. Nesse período, foram presenciadas as práticas organizacionais e informativas da rádio, bem como as relações que a emissora estabelecia como ator no seu contexto político e social. Graças à confiança gerada com os integrantes da emissora ao longo desses anos, foi possível entrevistar em profundidade 16 integrantes, em conversas que permitiram a reflexão e a troca de ideias de forma fluida. Para aplicar a entrevista, roteiros foram desenvolvidos para abordar as questões dos objetivos da estação, organização da mídia, práticas de informação, implicações políticas e sociais da prática do rádio. O corpus de documentos foi formado por: a) dois documentos fundamentais elaborados pelos fundadores da estação onde expuseram os fundamentos do projeto político-comunicacional: i) o documento constitutivo da Autogestión

Comunicativa A.C.² e ii) a solicitação de concessão social comunitária³; b) uma seleção do conteúdo dos espaços informacionais; c) notas informativas coletadas da mídia digital local.

P&RR: ORGANIZAÇÃO, ROTINAS E COBERTURA

P&RR é uma estação de rádio sem fins lucrativos que chama a si mesma “rádio cidadã”. Nasceu no centro da cidade de Hermosillo, capital de Sonora, um ponto neural da vida política das instituições do Governo do Estado. Identificou-se que o principal objetivo desta estação está relacionado à fiscalização jornalística e à análise do exercício do poder político, conforme declarado no documento constitutivo: “terá uma visão crítica da sociedade e do exercício do poder e das obrigações públicas às quais as organizações privadas que prestam serviços de interesse coletivo estão sujeitas; através do escrutínio eficaz dos assuntos públicos, com uma visão cidadã alheia à lógica comercial ou governamental”. A atividade jornalística era, então, uma atividade central desta estação. Mas seu conceito de jornalismo foi entendido como um contrapeso ao poder. O fundador Amílcar Peñúñuri⁴ afirmou: “Acreditamos que o exercício jornalístico não é objetivo, que o rádio é contrapeso, deve ser um contrapeso para a linguagem oficial da maioria da mídia e questionar o poder”. O fundador Romero Espinoza⁵ acrescentou: “O que procurávamos politicamente era criar um contrapeso a todas as informações oficiais que inundam o quadrante [...] para não manter apenas a pequena parte da realidade que a mídia informal e comercial estava refletindo”.

O perfil e a trajetória dos fundadores concorreram para essa concepção, uma vez que os seis membros da associação civil possuem formação profissional e, com exceção de um membro, todos se aventuraram no ensino acadêmico e universitário.

2 A Associação Civil (AC) chamada Autogestão Comunicativa é a figura legal em que a responsabilidade legal e administrativa da rádio recai. Foi fundada para processar a concessão de uso social comunitário para a rádio, que obteve em 2015. A AC era composta por seis membros, três mulheres e três homens, mas deve-se notar que o projeto desde o início foi apoiado por dezenas de pessoas, mas nem todos foram capazes de se comprometer em período integral; alguns dos que tinham sido muito ativos no planejamento do projeto não podiam ser membros da associação porque tinham empregos em instituições públicas e a situação de ilegalidade com que as transmissões começaram poderia colocar seus empregos em risco.

3 A solicitação foi submetida ao plenário do Instituto Federal de Telecomunicações (IFT), um órgão autônomo criado a partir da reforma de telecomunicações de 2013, encarregado de regular os setores de radiodifusão e telecomunicações e que recebeu a autoridade para atribuir a concessões.

4 Co-fundador e diretor do P&RR, presidente da AC e produtor / apresentador do noticiário matutino homônimo transmitido pelo sinal desta estação. Entrevista realizada para esta investigação em 23 de fevereiro de 2016.

5 Co-fundador da estação e sócio da AC, com o papel de relações públicas. Entrevista realizada para esta investigação em 19 de fevereiro de 2016.

No caso do diretor da estação e presidente da associação, Amílcar Peñúñuri, que pode ser considerado o líder do projeto, é jornalista de profissão e foi colunista por vários anos na mídia impressa com a maior circulação em Sonora. Da mesma forma, cada um dos parceiros esteve próximo ao ativismo social de diferentes áreas. Esse recurso no perfil dos fundadores também definiu o perfil da estação. Para acessibilidade aos produtores, Peñúñuri indicou: “Tentamos sempre garantir que [os programas] não sejam iniciativas individuais ou pessoais, mas apoiadas por uma comunidade”. Judith Tánori⁶ complementou: “pensando que os grupos trabalhariam em [um dos eixos temáticos]. Apoiando sua atividade, ajudando o ativismo a ser eficiente, ajudando a sociedade, envolvendo mais pessoas”. Observa-se que a promoção da diversidade de expressões de diversos espaços de ação social acompanha a ideia de ativismo social.

A programação inicial da estação consistia em um noticiário matutino e uma pequena faixa de programas independentes à tarde. Depois, a emissora passou a hospedar cerca de 30 programas independentes, integrando as vozes de vários atores sociais: estudantes, ativistas, feministas, ambientalistas, sindicalistas, artistas, jornalistas, coletivos, movimentos sociais, entre outros; que cubriram várias questões sociais, políticas e culturais relacionadas aos eixos temáticos. Destaca-se que alguns produtores estudaram comunicação e/ou haviam trabalhado em empresas de informação.

Na solicitação de concessão, os sócios dessa associação civil apontaram: “a incorporação de membros [à rádio será] como cidadãos e de forma alguma como uma cota institucional, sindical, organizacional ou qualquer outra [...] e respondendo apenas ao seu caráter como membro de uma sociedade em geral e não por pertencer a qualquer organização institucionalizada”. Essa condição não expressa a proibição de acesso à emissora a indivíduos e grupos por serem membros de organizações e instituições, como órgãos governamentais, sindicatos, partidos políticos ou instituições privadas. Como Tánori apontou: “O microfone não está fechado para autoridades ou políticos, mas não para promover, e sim para questionar”. Diante desses atores, a rádio procura ter uma posição de questionamento sobre suas atividades no serviço público. O acesso deles promoveu um diálogo sobre as questões que interessavam e afetavam os cidadãos.

Política & Rock and Roll noticias (P&R notícias) é o noticiário da manhã produzido e apresentado pelo jornalista e acadêmico Amílcar Peñúñuri, juntamente do

6 Co-fundadora da estação e sócio da CA, servindo como tesoureiro. Entrevista realizada para esta investigação em 5 de junho de 2016.

sociólogo e promotor cultural Alejandro Cabral⁷, e representou o espaço central na programação da estação de rádio. A dinâmica do programa foi baseada na leitura crítica e no questionamento das notícias publicadas na imprensa local, nacional e internacional. Esse método respondeu a uma postura política, mas também ao fato de a rádio não angariar recursos suficientes para manter uma equipe de repórteres para gerar suas próprias informações. No entanto, o espaço contava com um grupo de comentaristas e analistas, que frequentemente participavam: acadêmicos, jornalistas, ativistas, entre outros. Graças às redes que os produtores construíram ao longo dos anos, jornalistas e ativistas se ofereceram para ser correspondentes na Cidade do México e de outras cidades, como comentou Peñúñuri e pôde-se verificar na programação. Em um dos casos, os produtores observaram que um dos jornalistas - um jornalista profissional - colaborou com o noticiário com a intenção de legitimar sua imagem e contrariar os comentários críticos que questionavam sua proximidade com os atores políticos. Outro jornalista com uma longa história em Sonora também participou ocasionalmente do noticiário, no entanto, sua participação foi questionada por alguns ouvintes - particularmente aqueles que simpatizavam com o partido de esquerda MORENA⁸ - por causa da proximidade do jornalista com os políticos de direita. Apesar disso, como comentou Cabral, a participação desses jornalistas foi interessante pela obtenção de informações privilegiadas às quais os produtores não tinham acesso. Além disso, Cabral narrou que alguns jornalistas de mídia comercial compartilharam informações quando seus editores se recusaram a publicá-las; uma vez transmitida pela emissora, eles forçaram sua própria mídia comercial a “dar” a notícia.

O noticiário matutino recebeu vários personagens da esfera política, provenientes de diferentes partidos políticos, da direita à esquerda no espectro político, e com posições em diferentes níveis de governo. Dionisio Corral⁹, operador do programa, comentou:

Tínhamos uma ideologia mais à esquerda. Mas todos os entrevistados foram questionados, todos medidos pela mesma regra. [...] tínhamos a filosofia de que, se você fez algo errado, vamos dizer, não vamos cobrir as costas das pessoas, sejam da direita ou da esquerda. [...] A esquerda reclamou quando questionamos

7 Sócio e Secretário da AC. Entrevista realizada para esta investigação em 26 de fevereiro de 2016.

8 Movimento Nacional de Regeneração, partido político de esquerda criado em 2011, promovido por Andrés Manuel López Obrador, como plataforma para sua campanha presidencial nas eleições federais de 2012.

9 Programador e editor do rádio. Único colaborador com salário fixo. Entrevista realizada para esta investigação em 23 de fevereiro de 2016.

algum assunto relacionado com AMLO¹⁰. [...] eu lembro quando Noroña¹¹ foi [a uma entrevista], eu acho que ele achava que ele ia ficar como em casa, e ele acabou brigando com os repórteres. Ficou muito quente, irritado, eles continuaram discutindo. Qualquer um poderia ir à rádio.

Uma lógica observada na análise dos problemas sociais no noticiário é que eles foram contextualizados através da leitura crítica dos discursos sobre os tópicos publicados no ecossistema da informação; no entanto, houve interesse em convidar cidadãos afetados pelos problemas, assim como ativistas e organizações sociais para discutir o assunto. Por exemplo, em vista da venda pelo município de áreas verdes públicas, a estação estava interessada em convidar ambientalistas e planejadores urbanos, ou outros atores, para discutir as consequências das ações do governo e das ações dos cidadãos da oposição, que estavam colocados como protagonistas da narração informativa. Era comum que, diante de grandes eventos (como a reforma energética, a reforma trabalhista, as eleições presidenciais e municipais, a morte de Hugo Chávez etc.) fossem realizadas mesas de discussão.

As entrevistas e diálogos caracterizaram-se por não obedecer aos horários comerciais, ou seja, não houve intervalos para introduzir publicidade, apesar de haver um intervalo para a música com a intenção de mudar de tópico da conversa. As entrevistas foram estendidas para esgotar os tópicos de interesse. Da mesma forma, o noticiário não possuía uma estrutura rígida com base na segmentação - apesar de anunciar quando se fala de questões locais, nacionais e internacionais, culturais, esportes, ciência ou outros tópicos - e não havia rigidez nos horários de início e fim do noticiário.

O noticiário também incluiu algumas notas informativas geradas por voluntários, com os quais não foram realizadas reuniões para estabelecer a agenda do dia nem seções designadas. Estes responderam mais aos interesses, áreas e possibilidades em que o colaborador estava envolvido no seu dia a dia. Por exemplo, um colaborador, ao ir para as atividades de trabalho pela manhã, testemunhou o surto de uma greve em uma fábrica perto de sua casa. Nesse momento, ele comunicou aos produtores do noticiário, que estavam no ar, e foi feita uma transmissão ao vivo.

10 Andrés Manuel López Obrador (AMLO), ex-membro do PRI e PRD, atual líder do partido “Movimiento de Regeneración Nacional” (MORENA) e presidente do México (2018-2024).

11 Gerardo Fernández Noroña, deputado federal pelo Partido Trabalhista no período 2009-2012 e atualmente desde setembro de 2018. Conhecido como um político de esquerda controverso, comprometido com causas sociais.

A estação estava preocupada em acompanhar movimentos e protestos sociais. Peñúñuri afirmou: “sempre fomos um difusor de movimentos sociais; se houve manifestações, tratava-se de fazer propaganda, tanto quanto possível, convidando os diferentes atores sociais a falar nos diferentes espaços”. Entre as ações coletivas às quais o rádio deu cobertura, destacou o movimento social conhecido como *Los Malnacidos*. No final de 2012, o então governador de Sonora¹² propôs cobrar um novo imposto, chamado Contribuição para o Fortalecimento Municipal (COMUN), e aumentar outros impostos existentes. O Congresso Estadual de Sonora aprovou os impostos. Como o governador havia prometido na campanha que nenhum novo imposto seria criado, o COMUN desencadeou o movimento *No + Tax* (mais tarde conhecido como *Los Malnacidos*¹³), que se enfureceu no início de 2013.

O movimento realizou vários protestos. A maioria consistia em caravanas¹⁴, que dividiam e paravam a cidade. A resposta do governo do estado foi encerrar o diálogo. Além disso, os militantes do PAN - o partido político do governador - lideraram grupos de choque que intimidavam e agrediam manifestantes e jornalistas¹⁵. Cabe destacar que, inicialmente, esse movimento não encontrou muitos espaços na mídia, pois a maioria obedeceu aos desígnios do governador¹⁶. Ademais, jornalistas de mídias livres, como o caso do LiberaRadio.com, receberam ameaças e assédio por seu trabalho de informação.

Pela magnitude do movimento, pela natureza da denúncia e pela violência que o governo do estado gerou contra os manifestantes, a emissora assumiu o compromisso de dar-lhes apoio e cobertura, apesar de militantes e simpatizantes do Partido Revolucionário Institucional (PRI)¹⁷ tentarem se aproveitar do movimento. Durante o período de mobilizações, a P&RR realizou cobertura permanente

12 Guillermo Padrés, Governador de Sonora no período 2009-2015, pelo Partido de Ação Nacional (PAN). Sua eleição marcou a primeira transição partidária, já que o Partido Revolucionário Institucional governava o estado desde 1929.

13 Para mais informações sobre o movimento social, consulte a nota informativa “Sonora, a rebelião de Los Malnacidos: um movimento de apenas 14 dias coloca o governo de Padrés em cheque” (Rosagel, 24 de janeiro de 2013).

14 Na manifestação de 6 de janeiro de 2013, os números oficiais indicaram mais de 1.000 carros, mas, de acordo com dados não oficiais, eram pouco mais de 5.000 carros (Morales, 8 de janeiro de 2013).

15 Alguns ataques foram gravados em vídeo (Canal Sonora, 25 de fevereiro de 2013).

16 De acordo com a reportagem de Sheila Rosagel, desde o início de seu mandato até 2012, Padrés havia alocado quase 90 milhões de pesos para celebrar contratos diretos de premiação com diretores de jornais, concessionárias de radiodifusão, repórteres, fotógrafos e jornalistas para emitir, sobretudo, boletins que destacam suas ações governamentais (12 de novembro de 2012).

17 É um partido político mexicano de direita. Foi fundado em 4 de março de 1929 sob o nome de Partido Revolucionário Nacional (PNR) pelo ex-presidente Plutarco Elías Calles. Em 1938, foi reconstituído como Partido da Revolução Mexicana (PRM) e, em 1946, foi re-fundado, adotando seu nome atual. Foi o partido no poder no México por setenta anos consecutivos, de 1929 a 2000. O PRI nasceu como organização política do grupo triunfante da Revolução Mexicana e, no início, atendeu à demanda de vários grupos, como educação gratuita, Estado secular, distribuição de

por meio de transmissões ao vivo de ações públicas, reuniões entre o governo e o movimento, além de entrevistas constantes com os atores em disputa. A estação frequentemente abandonava sua programação regular e focava no movimento social, o que foi verificado com a observação participante. O trabalho de reportagem foi realizado pelos produtores do noticiário, bem como por vários produtores dos programas independentes, que assistiram às marchas, em vários casos como manifestantes, e para apoiar a produção jornalística.

Apesar de alguns líderes do movimento terem sido questionados por produtores e repórteres do rádio sobre sua proximidade com o PRI, a estação abriu seus microfones não apenas para os líderes, mas também para seus diferentes membros, relacionados ou não com partidos da oposição (PRI, PRD¹⁸, Morena). Após o acompanhamento da mídia, os manifestantes reconheceram a estação como um meio do movimento. Isso foi expresso, como relatou Christian Ortiz, durante uma caravana na qual os manifestantes temiam ameaças de violência pelo grupo de choque:

Como eles [o movimento social] não recebiam uma cobertura tão ampla – das mídias locais – e não receberam o apoio como o da P&RR quando cobriu de maneira completa as marchas, as pessoas começaram a escrever em seus carros, “sintoniza 97,7”. [...] foi algo que veio diretamente da cidadania. [A estação] influenciou a organização porque as pessoas foram informadas de como estava indo a marcha. Eram caravanas bastante grandes. Eu acho que é um exemplo de organização cidadã através da mídia (a rádio). Apenas nós demos cobertura, e as pessoas se apropriaram da rádio.

Durante a cobertura de uma dessas caravanas, graças à abertura do telefone, a voz dos manifestantes substituiu a dos apresentadores e repórteres. Nas horas que durou o evento, foi narrado nas vozes dos próprios manifestantes, que não pararam de chamar para denunciar a presença de supostos agressores e descrever a seus colegas o desenvolvimento da marcha de acordo com o ponto de vista onde estavam localizados, além de expressar suas opiniões e posições sobre o problema. Uma após a outra, as chamadas no ar continuaram até o final do evento. Sobre a inclusão de vozes e a apropriação do meio, Alejandro Cabral comentou:

terras, etc. Mas a partir da década de 1940, ele assumiu o papel de representante de grupos empresariais e, na década de 1980, ingressou em políticas neoliberais.

18 Partido da Revolução Democrática, fundado em 5 de maio de 1989 sob princípios de esquerda eleitoral.

o movimento cresce tanto que consegue uma audiência no Palácio do Governo. Mas o secretário particular diz a eles que a mídia não pode entrar. As bases, que estão do lado de fora, ficam com raiva, exigem, gritam e o governo aceita que apenas duas mídias entrem, porque não há espaço suficiente. [...] As pessoas gritam: “que entre P&RR, nós acreditamos neles”. Para mim, isso foi formar cidadania, ensinamos às pessoas que nos ouviam a ouvir um meio diferente, que falava como eles.

Com a visibilidade que o movimento obteve graças a suas ações públicas e ao uso de P&RR, reverberou nos demais meios de comunicação, de modo que durante semanas foi o principal tema da agenda da mídia local.

Outro movimento social que a P&RR acompanhou foi o *Movimento Cidadão pela Justiça, 5 de junho* (MCJ5J), em particular durante a comemoração do incêndio na creche chamada ABC, em 2009 em Hermosillo, onde morreram 25 meninas e 24 meninos. Desde então, alguns pais e mães das vítimas aderiram ao MCJ5J sob a denúncia de que a corrupção estatal levou a esse crime e exigiram punição dos responsáveis e garantia de segurança para as crianças nas creches. Em 2012 e 2013, a P&RR transmitiu ao vivo as marchas de comemoração, cuja crônica foi realizada pelo grupo de colaboradores das diferentes estações de rádio. Deve-se notar que esse movimento produzia uma hora de programação de rádio por semana. O programa, além de ser utilizado para divulgar as ações e realizações do movimento e relembrar os bebês falecidos, foi uma ferramenta organizadora dessa comemoração. Ortiz expressou:

Nós não fomos apenas para cobrir uma história, senti que a rádio se tornou parte do movimento. [...] ideologicamente, acredito que a rádio atuou como organizadora do evento, nem sempre foi, mas quando os pais se juntaram à rádio, tomaram-na como instrumento [...] não éramos estranhos à organização do movimento, nós fizemos parte disso graças à rádio. Não que tivéssemos exclusividade, mas havia essa proximidade e facilidade para apoiar.

A P&RR deu ao movimento cobertura social e da mídia. Os gerentes e participantes da estação ofereceram solidariedade, apoio e acompanhamento aos pais. O meio foi utilizado como uma ferramenta de comunicação, memória e organização social. Tornou-se um instrumento a serviço dos setores sociais que acompanham os pais na exigência de justiça quando não conseguem encontrar uma resposta através dos canais institucionais.

Os vários programas independentes também realizam produção informativa sobre seus tópicos de interesse e espaços de ação. Por exemplo, as produtoras de um programa com abordagem feminista participaram ativamente durante o processo legislativo de criminalização do feminicídio em Sonora, em 2013. Com relação a essa experiência, a produtora Leyla Acedo¹⁹ destacou:

Tudo o que aconteceu, dissemos no rádio. As pessoas acompanharam o processo, a agenda era transparente porque estávamos no processo de aprovar a lei e estávamos nos microfones. A primeira e única fonte é a gente [...] acho que ter o microfone aberto e criar material foi um elemento de pressão, mas também da necessidade de criar e promover uma agenda. Entendemos que não podíamos trabalhar sozinhas, que precisamos de outros colegas, e os colegas entenderam que os micros também eram deles. [...] Para mim, foi enriquecedor em muitos aspectos... Eu estava fazendo uma agenda através da mídia, mas também na batalha do lobby.

Em resumo, o trabalho jornalístico desses produtores teve o objetivo de informar, mas também motivar abertamente a ação social.

RUPTURAS E CONTINUIDADES ENTRE JORNALISMO COMERCIAL E DISSIDENTE

John Downing, (2001, p. ix), Atton (2001, p. 151) e Tony Harcup, (2013, p. 114) alertam contra as visões binárias e simplistas de “Davi *versus* Golias” na análise da relação entre meios hegemônicos e meios alternativos, uma vez que entre eles existem *crossovers*, hibridizações e *continuum* de práticas, formas, conteúdos e distribuição. Atton (2001, p. 26) indica que longe de “estabelecer formas radicais de fazer jornalismo, no sentido de marcar rupturas dramáticas nas práticas existentes de jornalismo, seu trabalho [da mídia alternativa] pode ser baseado em formas e métodos existentes”. No caso da P&RR, identificou-se que o perfil de seus fundadores como jornalistas, profissionais, acadêmicos e ativistas de um centro urbano refletia práticas específicas na estação, não apenas nos tópicos a serem abordados, mas na forma e nas relações que foram tecidas entre os produtores e outros atores sociais, como colaboradores, jornalistas, políticos, atores econômicos, outras mídias, etc. Nessas práticas, foram identificadas certas continuidades e interseções entre esta emissora e os atores do ambiente noticioso.

19 Advogada. Doutora em Ciências Sociais com especialização em Cultura Política. Trabalho sobre políticas públicas e questões de gênero. Produtora do programa “Sangre Violeta”. Entrevista realizada para esta investigação em 6 de junho de 2016.

Primeiro, o fato de que a dinâmica do noticiário de P&RR era apresentar as manchetes dos principais meios de comunicação locais, estaduais e nacionais e, em seguida, fazer uma “leitura nas entrelinhas” de como essas notícias foram apresentadas, qual era a abordagem, a informação omitida, os outros fatos com os quais se relacionou, as arestas a partir das quais o evento e as possíveis consequências poderiam ser discutidas. Essa dinâmica se deve à falta de recursos da estação para gerar informações próprias, mas também ao objetivo de questionar o discurso da mídia predominante que constrói socialmente a realidade. Em resumo, observar os noticiários de um ponto de vista com uma definição política dissidente clara e explícita, com o objetivo, como afirma Lavaca (2006, p. 34), de iluminar as áreas da realidade não iluminadas ou obscurecidas pelo poder e gerar diálogos com a opinião pública.

Natalia Vinelli e Carlos Rodríguez (2004, p. 11) observam que as leituras e análises críticas das informações publicadas na grande imprensa diária são uma prática comum nas mídias alternativas, em particular no rádio e televisão (comunitárias, alternativa, cidadã, livre, etc.) ao carecer de recursos para manter uma equipe de repórteres. No entanto, a leitura crítica não é propriedade exclusiva desse tipo de mídia. A mídia comercial e pública possui espaços para debate e análise de eventos políticos e sociais, onde as fontes, perspectivas e ângulos das notícias são questionados e nutridos. A característica da mídia alternativa é realizar essa atividade explicando a posição nas relações de dominação/subordinação de onde se fala e a visão do mundo que se eleva, desmistificando a aparente “objetividade” do jornalismo. A leitura crítica tende a revelar as posições políticas e os critérios de inclusão, exclusão e hierarquização da informação. Critérios que as organizações dissidentes de informação reivindicam e tornam transparentes. Então, como definem Vinelli e Rodríguez (2004, p. 12), a leitura crítica em mídias alternativas é o uso de “intervenção subversiva” de um formato ou prática atual em mídias comerciais.

Harcup (2013, p. 113) identificou um movimento (*crossover*) de pessoas entre mídia comercial e alternativa que não é unidirecional e, além disso, jornalistas podem participar dos dois tipos de mídia ao mesmo tempo. Em nosso estudo, o caso mais evidente é a carreira do diretor da P&RR, que colaborou como colunista do jornal *El Imparcial*²⁰ e trabalha como acadêmico na carreira de comunicação da Universidade de Sonora, ministrando cursos na especialidade de jornalismo.

20 Fundado em 1937. Sediada em Hermosillo, Sonora, possui dois jornais irmãos nas cidades de Mexicali e Tijuana. A publicação é responsável pela empresa Editores del Noroeste S.A. de C.V.

Da mesma forma, acadêmicos de diferentes instituições participaram regularmente do programa de notícias P&RR ou faziam parte de sua rede de fontes de informação, enquanto publicavam artigos de opinião em mídias comerciais locais, como *DossierPolítico.com*, e nacionais como *La Jornada*.

O movimento de jornalistas, como observou Harcup (2013, p. 114), ocorre com maior frequência da mídia alternativa à mídia comercial, em muitos casos porque a mídia alternativa funciona como um espaço para o treinamento de jovens jornalistas. No entanto, na P&RR, a lógica dominante era a de que jornalistas que trabalhavam em mídia comercial (alguns deles em sua própria mídia com fins lucrativos) participaram da P&RR para legitimar sua imagem e credibilidade, enquanto encontravam outro fórum de expressão para se projetar para outro público no noticiário de rádio. Por seu lado, para a P&RR, a participação desses jornalistas representou acesso a informações relevantes sobre políticos, funcionários e instituições públicas, e presença de outro ponto de vista diante do qual eles poderiam discutir e analisar criticamente a vida política da cidade. Na falta de recursos, seria difícil para a emissora obter essas informações devido à impossibilidade de contratar ou remunerar repórteres. Cabe ressaltar que o relacionamento que a P&RR teve com outros jornalistas e meios de comunicação também se deve à experiência do diretor da emissora no ambiente noticioso. Como acadêmico e profissional universitário na área de jornalismo, ele ensinou várias gerações de novos jornalistas e teve um relacionamento com outros jornalistas da mídia comercial e pública. Quando a estação foi fechada em 2014, seus fundadores receberam apoio de alguns desses jornalistas.

A rádio P&RR também transmite programas informativos e analíticos produzidos e conduzidos por jornalistas, analistas e organizações sociais de renome em todo o país, que foram transmitidos pela mídia pública, universitária ou da web²¹. Atton (2001, p. 151) usa o conceito de “vozes híbridas” para definir vozes de mídias alternativas que ressoam nas mídias comerciais ou vice-versa. No entanto, podemos ver que a noção parte da identificação de dois campos claramente delimitados: o campo alternativo e o campo dominante ou convencional (*mainstream*), quando existe, na realidade, um ambiente de mídia diversificado e heterogêneo (especialmente na era digital) tanto na mídia comercial e na pública, bem como em

21 Alguns desses programas foram o Homozzaping, produzido pela jornalista Jenaro Villamil, atual presidente do Sistema Público de Radiodifusão do Estado Mexicano; Megafone, produzido pelo Artigo 19 do México e transmitido no site da RompevientoTV; Primer Plano, conduzido por renomados analistas políticos; e Domingo 6, produzido pelo ativista Tomas Mojarro da Radio UNAM.

aqueles identificados como alternativos. Na P&RR sempre houve um questionamento do discurso e das narrativas, geralmente de natureza oficial, dos principais meios de comunicação. Ainda assim, os programas transmitidos pela emissora coincidiram em certos aspectos com a linha editorial daqueles, apontando para a diversidade da mídia. A inclusão de vozes e informações de jornalistas de outras mídias também se deve ao projeto político da emissora e à sua necessidade de obter informações para analisar a realidade de um ponto de vista crítico.

O que deve ser observado é que as práticas jornalísticas da mídia comercial e alternativa têm o mesmo objetivo: relatar eventos que são de interesse da sociedade, particularmente assuntos políticos e econômicos. As mídias coincidem em um grande número de tópicos a serem relatados e analisados; portanto, não surpreende que a estação tenha chegado àqueles que têm acesso a informações de interesse social. Além disso, considerando o contexto e perfil da P&RR, a possibilidade de cooperação entre esses meios de comunicação era maior. Uma forma de cooperação entre jornalistas de diferentes mídias que foi observada é a disponibilização à P&RR de informações importantes por repórteres de outras mídias que se recusaram a divulgar essas informações. Nesse sentido, a emissora desempenhou um papel importante na abordagem de questões que poderiam ser marginalizadas pela mídia comercial, uma vez que “certas coisas parecem ser “indizíveis” até que a mídia alternativa o diga” (HARCUP, 2013, p. 115). Em outras palavras, a rádio funcionava como uma válvula de escape para notícias que a mídia comercial não estava disposta, no momento, a divulgar - ou pelo menos não ser a primeira - para não arriscar seus interesses econômicos e políticos. Quando a emissora colocou o assunto no espaço público, favoreceu que a mídia em questão permitisse que seus repórteres abordassem a notícia. Como Harcup (2013, p. 115) indica, “nos esforços para tentar resolver questões que de outra forma seriam marginalizadas pela mídia hegemônica [...] a mídia alternativa é essencial para o funcionamento saudável de uma esfera pública”. Assim, a prática de rádios comunitárias, cidadãos ou alternativas está ligada à democratização do espaço público.

Em contrapartida às ligações cruzadas, também são identificadas rupturas na prática informacional da P&RR e mídias comerciais. Como afirma Borrat (2006, p. 303), a mídia é um ator político que busca influenciar a sociedade e as instituições públicas por meio da disseminação de informações, principalmente com fins lucrativos. O manuseio da informação já responde a uma dimensão da ética profissional. Por sua vez, os meios de informação criados por setores populares e dissidentes são atores políticos, pois seu objetivo é a organização social para ação política das comunidades, a fim de conseguir transformações sociais baseadas em demandas e

projetos políticos. Nas palavras de Atton (2001, p. 113), “forneça informações para ação”. Uma das dimensões da P&RR tem sido aparecer como uma ferramenta de comunicação para fortalecer os objetivos e processos organizacionais dos grupos ou movimentos sociais; além de apoiar e capacitar para a participação social por meio do exercício comunicativo e jornalístico, é um espaço público para exigir ações dos poderes constituídos e promover justas transformações entre as relações contra o Estado, governos e instituições.

Nesse sentido, Atton (2001, p. 111-114) chama escritores ativistas (*activist-writer*) os membros de comunidades, coletivos ou organizações sociais que produzem notícias e informações com a colaboração e o apoio do grupo, notícias relevantes para os interesses dessas comunidades, pois alimentam a discussão e o debate dentro e fora delas. Atton observa que, além da capacidade comprovada de produzir notícias, a mídia alternativa está mais interessada no que os jornalistas têm a dizer da perspectiva de ativistas, apresentando histórias em que eles - as comunidades - são os principais atores e se expressam com autoridade. Lógica observada na P&RR, porque mais do que testemunha externa e disseminadora de lutas sociais, as vozes dos grupos que falavam e discutiam questões que os afetavam e interessavam eram integradas à rádio. A acessibilidade de várias vozes envolvidas em eventos e movimentos sociais permitiu a visibilidade de diferentes expressões, em seus próprios discursos, e não apenas as vozes autorizadas dos líderes ou porta-vozes. O apoio permanente e a abertura que a P&RR levou aos movimentos fizeram com que concebesssem a estação como seu próprio instrumento para exigir e se fazer ouvir pelo poder político. A cobertura desenvolvida pela emissora não se limitou a ser um acompanhamento jornalístico em busca do mais destacado ou dramático, conforme afirma a teoria dos valores das notícias, mas também cobriu os movimentos para torná-los visíveis e capacitá-los, devido à falta de acesso a outras mídias e ao fechamento de diálogo pelas autoridades. Além disso, a diversidade de vozes e ideologias integradas à estação era um contrapeso que ajudou a rádio a não se tornar o órgão de transmissão de uma única causa ou organização. Isso alimentou a discussão dentro dos movimentos e organizações.

Na relação entre o jornalismo radiofônico e as lutas políticas das organizações sociais, identificou-se que a P&RR não busca a transformação radical do sistema, mas sim o reconhecimento e a participação dos setores sociais. Christian Ortiz, operador de rádio, comentou:

Não era uma rádio que brigava com as instituições. Os diferentes programas foram críticos com as diferentes instituições de acordo com suas disciplinas,

como o programa “Desde la Constitución” que questionavam o poder judiciário e o ministério público. [...]. Os trabalhadores do teatro falavam muito sobre o trabalho institucional em relação ao teatro. E não é que eles bajulavam o “Instituto Sonorense de Cultura (ISC)”, mas que o material de trabalho deles estava ali, e eram críticos [...] Não era uma rádio que rompia com as instituições, mas era muito crítica com elas.

A este respeito, os produtores de Sangre Violeta disseram:

Na época, uma das diretoras do “Instituto Sonorense de la Mujer” (ISM) recebeu várias críticas claras à sua gestão, enfim, bastante ruins, de Dolores Galindo [...]. O Instituto foi fechado por várias companheiras, um funeral simbólico foi realizado, pois o instituto estava “morto” (Alejandra ENRÍQUEZ e Wendy BRICEÑO²²).

Observa-se que o princípio político da P&RR não era ser antissistema, nem anti-Estado, mas sim criar canais de diálogo e reconhecimento da cidadania perante as instâncias de poder. Ou seja, a emissora estabeleceu vínculos - em relações conflituosas - com as diferentes instituições para que reconhecessem os indivíduos como sujeitos de direito. Essa afirmação é reforçada com a participação e incidência que as mulheres feministas tiveram durante o processo legislativo para a classificação do feminicídio como crime em Sonora, em 2013. Observa-se que as práticas de comunicação comunitárias, cidadãs ou alternativas, definem sua agenda de acordo com os objetivos políticos dos grupos que as compõem.

Uma ruptura é que a P&RR implementou um discurso jornalístico sem velocidade, fragmentação, simplicidade, exclusividade ou exacerbação de novidade, características que são os resultados de valores de produção noticiosa pelos quais a maioria da grande mídia de notícias comerciais hegemônica são guiados (CERBINO, 2005; HARCUP & NEILL, 2016; RAMONET, 2005). O discurso da estação de rádio se opunha à “concepção de marketing do jornalismo” (PENA, 2009, p. 179). Realizou uma cobertura coletiva das ações públicas de diversas organizações e movimentos sociais. Os eventos foram reconstruídos pela mídia com a multiplicidade de discursos e atores que os protagonizaram e entrevistaram; dos eventos, o grupo de colaboradores das diferentes áreas da emissora (a maioria não eram jornalistas ou repórteres de profissão), em muitos casos, participou. O resultado foi uma cobertura feita sem as pressões dos tempos comerciais, ou com padrões

22 Entrevista realizada para esta pesquisa em 24 de fevereiro de 2016.

noticiosos que se apropriaram do tempo e do ritmo das manifestações, sem cortes abruptos, síntese, simplificações, hierarquias e encapsulamento da nota informativa na lógica comercial para construir eventos. Durante as transmissões ao vivo das manifestações, ou nas entrevistas, os produtores só faziam cortes musicais quando os próprios eventos sugeriram, sem se apressar em saturar com outras notas ou informações que não fossem relacionadas ao evento.

CONCLUSÕES

As abordagens binárias costumam prevalecer em estudos sobre mídia alternativa. No entanto, pesquisadores como John Downing, Chris Atton ou Tony Harcup alertam há duas décadas que entre mídia comercial, pública e alternativa existem interseções de práticas informacionais, o que tende a complicar os limites que definem tradicionalmente cada tipo de mídia. No caso da mídia alternativa, embora existam elementos gerais em comum, como não buscar lucro, formas de organização democrática e horizontal, oposição política, entre outros, é necessário levar em consideração alguns pontos para entender as suas práticas jornalísticas. Por exemplo, é essencial localizar cada projeto de comunicação em seu contexto, saber quais são os objetivos político-comunicacionais dessas mídias e identificar o perfil político, cultural e social de seus participantes. Observa-se que a gama de objetivos das organizações jornalísticas alternativas é muito ampla: desde a transformação radical do sistema e a promoção de outras formas de exercício político, até a participação cidadã no quadro institucional existente ou o reforço de identidades culturais. É necessário colocá-los em relação ao ambiente de mídia onde está localizado. Mídia alternativa é geralmente abordada em oposição à mídia comercial, particularmente grandes empresas de mídia, mas não se deve esquecer que, em países com certa abertura democrática, atualmente existem várias organizações informativas com diferentes linhas editoriais e práticas de mídia, tanto na mídia comercial quanto nas criadas por grupos dissidentes. Essa diversidade é favorecida no ambiente digital, onde os novos portais de notícias digitais representam uma competição direta para os antigos grupos de notícias.

Assim como existem continuidades existem distâncias claras com certas práticas jornalísticas hegemônicas. Nesse sentido, algumas dúvidas, problemas e perspectivas que podem guiar futuras pesquisas são apontados: Observou-se que a estação, ao não se submeter às demandas dos tempos comerciais, conseguiu recorrer a formatos e linguagens na produção de informações diferentes das estações comerciais. Assumimos que é típico de mídia desse tipo. Vale perguntar quanto do discurso jornalístico comercial (temas, abordagens, modulação, formatos,

gêneros etc.) é reproduzido nas organizações dissidentes de informação, pois são linguagens hegemônicas que aprendemos e aceitamos há décadas, inclusive por gestores e produtores desses meios de comunicação. Também seria interessante saber quanto da expressividade dissidente o público está disposto a aceitar, sejam ou não membros de grupos cujas demandas e vozes são disseminadas pela dita mídia cidadã, já que o público está imerso na linguagem comercial das notícias, apreendidas ao longo de sua vida.

A forma de propriedade da mídia cidadã representa outra linha de discussão, pois molda as relações entre esses e os movimentos sociais. A propriedade governada pelos princípios da pluralidade, democracia e tomada de decisão colegiada pode ser um elemento fundamental para não restringir a acessibilidade e a visibilidade da diversidade social em favor dos desígnios e interesses de um grupo social. Isso afetaria positivamente o trabalho jornalístico em termos de temas, histórias, preocupações, pontos de vista, linguagem etc.

É possível investigar as possibilidades e limites oferecidos pela mídia cidadã para a participação de organizações sociais, uma vez que a incidência de grupos sociais nos assuntos públicos não depende apenas da acessibilidade em um meio de comunicação. Em cada contexto, a correlação de forças sociais deve ser levada em consideração como um elemento essencial na maneira como os conflitos são resolvidos. Da mesma forma, é necessário considerar a configuração e o comportamento do ecossistema da mídia e as estratégias de convergência e comunicação na mídia cidadã.

BIBLIOGRAFIA

ATTON, Chris. *Alternative media*. London: Sage, 2001.

ATTON, Chris. Alternative and citizen journalism. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. (Eds.). *The handbook of journalism studies*. New York: Routledge, 2008, p. 265-278.

ATTON, Chris; HAMILTON, James. *Alternative journalism*. London: Sage, 2008.

BORÓN, Atilio. *Estado, capitalismo y democracia en América Latina*. Fuenterrabía: Hiru, 2008.

BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gili, 1989.

BORRAT, Héctor. Los periódicos, narradores en interacción. In: BORRAT, H.; FONTCUBERTA, M. (Org.), *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. p. 157-351. Buenos Aires: La Crujía, 2006, p. 157-351.

CERBINO, Mauro. *La violencia en los medios de comunicación, generación noticiosa y percepción ciudadana*. Quito: Flacso, 2005.

- DOWNING, John. *Radical Media: Rebellious Communication and Social Movements*. California: Sage, 2001.
- GIL DE SAN VICENTE, Iñaki. La lucha política es para tomar el poder. *KaosEnLaRed.net*, 2012.
- GUMUCIO DAGRON, Alfonso. *Haciendo Olas: Historias de Comunicación Participativa para el Cambio Social*. New York: Rockefeller foundation, 2001.
- HARCUP, Tony. *Alternative journalism, alternative voices*. New York: Routledge, 2013.
- HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. What is the news? News values revisited (again). *Journalism Studies*, 9699(March), 1-19. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>, 2016.
- LAVACA. *El fin del periodismo y otras buenas noticias*. Buenos Aires: Cooperativa de Trabajo Lavaca, 2006.
- MASTRINI, Guillermo; BECERRA, Martín. *Periodistas y magnates. Estructura y concentración de las industrias culturales en América Latina*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- McNAIR, Brian. *The sociology of journalism*. London: Arnold, 1998.
- PENA, Felipe. *Teoría del periodismo*. Ciudad de México: Alfaomega, 2009.
- RAMONET, Ignacio. El poder mediático. In: MORAES, D. (Ed.), *por Otra Comunicación: los media, globalización cultural y poder*. Barcelona: Icaria, 2005, p. 193-201.
- REIG, Ramón. *Los dueños del periodismo*. Barcelona: Gedisa, 2011
- RODRIGO-ALSINA, Miquel. *La construcción de la noticia* (2 ed.). Barcelona: Paidós, 1993.
- TUCHMAN, Gaye. *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- VINELLI, Natalia; RODRÍGUEZ, Carlos. “Desarmando espejismos.” In: VINELLI, Natalia. *Contrainformación: medios alternativos para la acción política*. Buenos Aires: Continente, 2004, p. 9-18.